

O DESENHO COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NAS ATIVIDADES EDUCACIONAIS COM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA-TEA

Luis Junior Costa Saraiva¹
Jéssica do Socorro Leite Corrêa²
Danilo Corrêa Oliveira³

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo possibilitar uma discussão sobre a utilização do desenho como ferramenta pedagógica em atividades educacionais para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), sendo a pesquisa realizada mediante o desenvolvimento do projeto “O desenho como intervenção no trabalho pedagógico com crianças com TEA” contemplado no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica, da Universidade Federal do Pará (UFPA), realizado na cidade de Bragança no Pará. O percurso metodológico da pesquisa deu-se por duas vias: discussões e reflexões a partir de teóricos e estudiosos do assunto, e na observação da aplicação do desenho através de atividades junto a duas crianças com TEA. A primeira destas etapas possibilitou compreender e articular mecanismos e estratégias de aplicação ao processo de execução das atividades. Foi importante o desenvolvimento das atividades atreladas ao diálogo com as famílias das crianças observadas, a fim de possibilitar práticas que contemplassem suas especificidades e não causassem desconfortos. Assim, para o pleno desenvolvimento da execução dos encontros e das reflexões dos resultados obtidos com a aplicação do desenho como ferramenta pedagógica nas atividades educacionais de crianças com TEA, utilizaram-se, de aportes teóricos, os estudos de Antônio Camilo Cunha e Sara Tiago Gonçalves (2015); Renata Cristina Gonçalves (2017); Rayner Zanoti Pereira (2020).

Palavras-chave: TEA. Desenho. Intervenção pedagógica.

THE USE OF DRAWING AS A PEDAGOGICAL TOOL IN EDUCATIONAL ACTIVITIES FOR CHILDREN WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER (ASD)

ABSTRACT

The article aims to enable a discussion about the use of drawing as a pedagogical tool in educational activities for children with Autism Spectrum Disorder (ASD). The research was conducted through the development of the project “Drawing as an intervention in pedagogical work with children with ASD” which was funded by the Institutional Program for Scientific Initiation Scholarships at the Federal University of Pará (UFPA). The project took place in Bragança, Pará, Brazil. The methodology followed two main paths: discussions and reflections based on theorists and scholars on the subject, and the observation of the application of drawing-based activities with two children with ASD. The first phase enabled a deeper understanding of mechanisms and strategies for implementing drawing in pedagogical practice, which were then applied in the subsequent phase of the project. It was crucial that the development of these activities remained closely tied to an open and ongoing dialogue with the families of the participating children, in order to ensure practices that respected their specific needs and avoided causing discomfort. Thus, for the full development of the meetings and the reflection on the results obtained from using drawing as a pedagogical tool in educational activities for children with ASD, the research was supported by the theoretical contributions of Antônio Camilo Cunha and Sara Tiago Gonçalves (2015), Renata Cristina Gonçalves (2017), and Rayner Zanoti Pereira (2020).

1 Professor da Faculdade de Educação do Campus de Bragança (UFPA). Docente do Programa de Pós-graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia. E-mail: luisj@ufpa.br

2 Mestra em Linguagens e Saberes na Amazônia. E-mail: etieljessica@gmail.com

3 Licenciado Pleno em Pedagogia. E-mail: correadanilo182@gmail.com

Keywords: ASD. Drawing. Pedagogical intervention.

Data da submissão: 27.06.2025

Data da aprovação: 03.12.2025

INTRODUÇÃO

O desenho é uma das manifestações de interação mais antigas de expressão e de comunicação da sociedade e um recurso pedagógico expressivo que nos possibilita pensar e articular o desenvolvimento infantil. A literatura é bem ampla ao considerar os benefícios do desenho para as infâncias como ferramenta do desenvolvimento cognitivo de modo geral. Assim, partindo do pressuposto de seu uso como uma ferramenta pedagógica possível dentro ou fora da sala de aula, o desenho foi utilizado como recurso para a intervenção com crianças com TEA (Transtorno do Espectro Autista).

O transtorno do Espectro autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento que afeta de forma diferenciada cada sujeito. A partir da Lei Federal 12.764/12 o autismo é considerado deficiência para todos os critérios legais, e a lei ressalta ainda as características básicas que definem a deficiência, destacado no Art. 1º da lei:

§ 1º Para os efeitos desta Lei, é considerada pessoa com transtorno do espectro autista aquela portadora de síndrome clínica caracterizada na forma dos seguintes incisos I ou II:

I - **deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação sociais**, manifestada por deficiência marcada de comunicação verbal e não verbal usada para interação social; **ausência de reciprocidade social**; fálência em desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento;

II - **padrões restritivos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades**, manifestados por comportamentos motores ou verbais estereotipados ou por comportamentos sensoriais incomuns; excessiva aderência a rotinas e padrões de comportamento ritualizados; **interesses restritos e fixos. (grifo nosso)**

É fundamental destacar critérios de definição da deficiência para compreender a importância de diferentes ferramentas lúdicas em todos os processos de intervenção que envolvam crianças com TEA. Um dos grandes desafios das famílias e dos diferentes profissionais que trabalham com pessoas com TEA é o processo de comunicação, que nem sempre ocorre através da oralidade. Na maioria dos casos é preciso trabalhar primeiramente o contato visual e, posteriormente, a atenção e outros aspectos básicos para o início de toda intervenção. Levando em consideração esse ponto crucial para estabelecimento de contato é que o desenho entra como ferramenta fundamental de intervenção, como apresentado no decorrer do presente artigo.

O desenho tem sua importância reconhecida em diferentes aspectos sociais, terapêuticos e educacionais a partir de autores como: Cohn (2005, 2012) e Sheridan (2002, 2015), Dehaene (2012), Yuan e Brown (2015), Sans (1994), Sarmiento (2012), Oaklander (1980). A literatura sobre o assunto é bastante vasta no que tange a importância do desenho, e pela riqueza e relevância dessa ferramenta. A presente pesquisa faz uma reflexão acerca do uso do desenho no processo de intervenção pedagógica com crianças com TEA.

Entender os aspectos envolvidos no uso do desenho como ferramenta pedagógica com crianças com TEA, é imprescindível na estruturação de formas diferenciadas de acesso e comunicação com as crianças que estão no espectro autista, levando em consideração o contexto do brincar e da arte, pois o desenho traz essa possibilidade em seu uso direcionado para o aprendizado (CUNHA e GONÇALVES, 2015. p. 17).

O autismo é uma condição que impacta e compromete a interação e comunicação social de forma específica em cada pessoa, haja vista que cada criança possui especificidades distintas uma das outras, por isso a deficiência é considerada um espectro. Nessa perspectiva, trazer o desenho é abordar e trabalhar não somente a parte cognitiva como também a coordenação motora e a interação com o meio externo. As dificuldades de comunicação podem ser minimizadas à medida que as crianças com TEA conseguem expressar seus desejos e sentimentos através dos desenhos, sempre atento às vivências dessas crianças e seu entorno.

[...] as crianças percebem que o desenho e a escrita são formas de dizer coisas. Por esse meio elas podem “dizer” algo, podem representar elementos da realidade que observam, e com isso, ampliar seu domínio e influenciar sobre o ambiente (ALMEIDA, 2003, p. 23).

Moraes (2012, p. 29) destaca que o desenho é resultado do desejo de representação da criança, que poderá exprimir medos, opressões, desejos, valores, pois aqui considera-se o desenho como um processo da vivência e existência individual de cada um.

De acordo com Rosário (2022), o desenho infantil narra histórias e contextos que muitas vezes não são verbalizados, mas estão presentes dentro da construção social do sujeito. Para Sans (1994), aos seis anos de idade, a criança mostra mais claramente em seus desenhos a influência cultural na qual está inserida, podendo demonstrar escalas afetivas de valores com relação aos personagens e locais representados, a criança desenha o que sente sobre o elemento retratado e não só como o vê.

O desenho é uma das formas de representação e expressão do imaginário e, de acordo com Santos (2014), o imaginário auxilia a criança na sua forma de compreender, participar e agir no mundo, a criança necessita de fantasias, assim, pode imaginar um mundo com possibilidades, criando situações criativas.

A possibilidade de proximidade através do desenho de elementos que possam ser representados pelas crianças com TEA é um avanço significativo para todos aqueles que precisam estabelecer conexão com as crianças em processos de intervenção e, principalmente, em espaços educacionais.

1 DIRECIONAMENTOS DA PESQUISA

O artigo em questão é resultado da pesquisa que buscou aplicar diferentes estratégias de desenho para que cada criança pudesse, de formas distintas, expressar e apresentar o seu meio externo, ao total foram 2 crianças com TEA de 4 e 8 anos, um menino e uma menina respectivamente, que participaram da pesquisa. Em todos os momentos houve o acompanhamento e a presença das mães, e as crianças ficaram à vontade para a elaboração de desenhos livres, apenas com comandos simples apresentados pelos pesquisadores.

A presença dos responsáveis foi fundamental para que as crianças pudessem sentir-se o mais confortável possível diante do bolsista. As mães conhecem as crianças com mais profundidade e puderam, no decorrer da intervenção, fazer estímulos positivos que fizessem com que elas participassem da atividade de forma tranquila e eficaz.

Nesse aspecto, é válido ressaltar que trabalhar com pessoas com deficiência exige do profissional da educação um conhecimento amplo da criança, um planejamento específico e também uma anamnese que considere os detalhes e especificidades apresentadas pela família.

O momento realizado com o menino foi feito fora do ambiente domiciliar, numa sala pequena com o mínimo de influências sensoriais que pudessem comprometer o resultado dos desenhos. Todo processo foi acompanhado pela mãe da criança; sempre que a criança estava desenhando, todos os adultos ficavam em silêncio e faziam pequenas interferências,

geralmente ao final do desenho para saber o que o item desenhado significava, uma forma de estímulo da oralidade do menino que ainda apresenta fala não funcional. O menino é diagnosticado com TEA e TDAH nível 2 de suporte.

O momento realizado com a menina ocorreu na residência da mesma e foi desenvolvido na presença da mãe e da irmã. Na ocasião, a mãe fez pequenas intervenções através de falas positivas para estimular ela a iniciar os desenhos. Para ajudar no início da atividade, a irmã (adolescente) também começou a desenhar junto com ela. A menina é diagnosticada com TEA e TDAH nível 2 de suporte.

Depois das etapas de intervenção para a elaboração dos desenhos e das leituras teóricas, foi desenvolvida a análise do material produzido que consta no tópico a seguir, como orienta Oaklander (1980), os desenhos devem ser eixos orientadores de reconhecimento e identificação daquilo que está internalizado nas crianças que, muitas vezes, é fruto da imaginação e aqui a imaginação não se considera como algo não verdadeiro, mas como um elemento de interpretação da realidade vivenciada de forma lúdica e dinâmica.

Conforme descrito, as investigações acerca das pesquisas sobre o desenho como intervenção pedagógica foram realizadas a partir de dois encontros, nos quais duas crianças foram observadas em dois ambientes distintos durante o processo criativo de produção dos desenhos. O menino se chama Narayan e tem quatro anos de idade, a menina se chama Izabela e tem oito anos de idade. Os dados que serão aqui analisados, bem como os resultados e reflexões a serem discutidos, são frutos desses encontros.

O momento de intervenção com ambos aconteceu na perspectiva de observação do comportamento das duas crianças sobre o processo de criação de desenhos, bem como a sua reação a estímulos verbais vindos dos familiares e do bolsista presente, assim como o incentivo através de materiais que estiveram sempre à disposição. Para que a observação do processo de produção do desenho por parte das crianças e suas reações sobre os distintos estímulos presentes no espaço pudessem apresentar pontos significativos para a investigação da pesquisa, se fez necessário que as duas crianças estivessem sempre livres em suas escolhas, sejam estas escolhas referentes aos elementos que iriam desenhar ou ainda aos sentimentos expressos. É essencial descrever que o uso dos materiais esteve a cargo da escolha das crianças, que foram incentivadas, mas que permaneceram autônomas durante todo o processo.

Com o intuito de observar as diferentes reações e comportamentos das crianças durante as atividades, os encontros foram realizados em locais distintos; a atividade com Narayan aconteceu no espaço do Laboratório de Inclusão, sediado no campus da Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus de Bragança. Já com Izabela esse momento ocorreu no seu próprio ambiente domiciliar. Ambos os encontros foram acompanhados pelos responsáveis das crianças, que estiveram observando e contribuindo de forma significativa durante todo o processo. A duração média de tempo dessas atividades foi de 30 a 40 minutos no qual as crianças se mostraram dispostas e interessadas em participar das atividades. Quando ambas não quiseram mais desenhar ou contribuir com a atividade, suas vontades foram respeitadas.

2 O DESENHO COMO COMUNICAÇÃO

Os dados que apresentados e analisados partem da observação atenciosa e participativa dos professores orientadores e bolsista, que tomaram nota e registraram o passo a passo de todo o processo, desde a chegada da criança ao ambiente da atividade até o encerramento do exercício de construção dos desenhos. Foram coletados materiais fotográficos e audiovisuais, além de um mini relatório descritivo de cada encontro contando os acontecimentos, comportamentos, estímulos e respostas das crianças durante o processo. É importante salientar que os responsáveis das duas crianças tiveram indiscutível importância, uma vez que através da presença dos mesmos durante as atividades, foi possível adentrar no cotidiano da criança

sem que houvesse estresse por parte delas, além de fornecerem informações referentes a gostos, comportamentos e outras informações pessoais.

Os resultados e informações obtidos durante as atividades serão apresentados seguindo a cronologia de execução dos encontros com as crianças. Serão pontuadas as primeiras observações e manifestações das crianças desde a chegada para a participação nas atividades, a descrição detalhada de todo o processo dos primeiros aos últimos desenhos e diálogos estabelecidos entre pesquisadores, pais e crianças.

O primeiro dos dois encontros foi com Narayan, que ocorreu no laboratório de inclusão da UFPA-Bragança. Ao adentrar em um espaço novo onde ele não vai de forma frequente, Narayan se mostrou um pouco agitado em sua chegada, o que durou até o momento em que se adaptou às condições do ambiente, afinal, “crianças com TEA também apresentam resistência a mudanças e dificuldade em lidar com alterações no ambiente” (Lima et al, 2023, p.7). Conforme o local foi sendo organizado para a aplicação da atividade, ele foi se mostrando mais confiante e confortável, logo tomou seu lugar em uma mesa e com os materiais já dispostos, começou a desenhar.

Por já ter um contato com desenho, uma vez que tal atividade se mostra sempre presente no seu dia a dia, não houve resistência por parte dele, que se mostrou animado ao momento em que foi convidado a desenhar. Organizando os materiais disponíveis no laboratório e pondo os seus próprios materiais sobre a mesa, começou a desenhar de forma livre e animada, mostrando-se concentrado a cada desenho. Em um primeiro momento mostrou não gostar de barulhos ou direcionamentos orais, a não ser os que eram sugeridos pela mãe.

Antes de começar a desenhar, Narayan organizou os materiais de forma orgânica, separando-os pelos materiais de “desenhar em casa” e os “materiais da escola”. Como havia levado seus próprios materiais que utiliza em seu cotidiano domiciliar e escolar, fez uma divisão desses materiais dispondo em dois blocos, assim o fez com outros materiais, papel na pilha de papel, canetinhas na pilha de canetinhas e ficou incomodado quando a organização da mesa em que estava desenhando era desfeita. A cada uso, o material retornava para o bloco ao qual pertencia, ocorrendo essa organização até o fim da atividade.

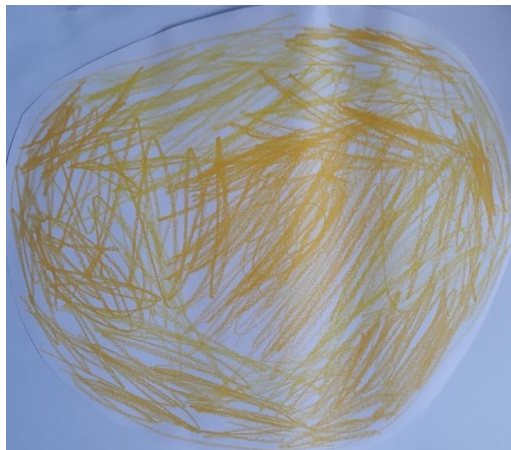
Narayan fazia esboços dos seus desenhos antes de começar a colorir, mostrando-se incomodado quando “errava os mesmos”, ou seja, ele mostrou um domínio sobre as suas ideias de desenhos que tomavam forma bem antes de chegarem ao resultado final, já podendo ser decifrado nesse processo de desenho do esboço.

Figura 1- Esboço não concluído.



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Figura 2- Desenho do sol.



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Na figura 1, pode-se visualizar um esboço que não foi concluído pois, segundo Narayan, o esboço saiu errado, o que o fez abandonar a produção deste desenho uma vez que não saiu como ele queria. Logo pegou outro papel e esboçou o mesmo desenho, dessa vez finalizando, percebendo-se tomar a forma de um sol que foi confirmado positivamente por ele quando foi questionado. Uma vez que Narayan havia desenhado o sol, a mãe sugeriu que ele desenhasse a lua, o que foi atendido por ele, usando as mesmas cores usadas no primeiro desenho.

Figura 3- Desenho da lua.



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Ao fim de cada desenho, Narayan compartilhava o resultado com os presentes. Por ainda apresentar fala não funcional, a sua comunicação limitava-se a responsável, seja para pedir alguma coisa ou para expressar algum sentimento, mas sempre que era incentivado pela mãe a compartilhar seus desenhos com o bolsista, se mostrava entusiasmado e assim fazia.

Ainda que não haja fala no autista ou qualquer outra criança, Dolto (2008) ensina que o desenho é um tipo de produção gráfica que possibilita a comunicação com o terapeuta. Desenhar é um modo de expressão, pois ao

exercer tal atividade as crianças representam simbolicamente suas fantasias e como se posicionam diante do mundo. A autora se refere à atividade do desenho como substituta da associação livre (técnica de investigação psicanalítica) do adulto, como auxílio para que a criança expresse por meio de produções gráficas aqueles momentos, tanto os que lhe foram importantes como os aflitivos. Além disso, é imprescindível que haja conversação com a criança no tocante ao seu desenho, de modo que tal produção se apresenta envolta de significações mesmo quando a criança não diz nada a seu respeito (GONÇALVES, 2017, p. 235).

Durante todo o processo, Narayan se mostrou independente com relação a escolha das cores e materiais, bem como os elementos que desenhava, mesmo havendo sugestões da mãe e do bolsista, ele ainda preferia desenhar aquilo que lhe agradava ou que fazia parte do seu convívio. No desenho abaixo pode-se observar um beija-flor que, segundo a mãe, ele vira um pouco mais cedo no terreno da sua casa no dia em que a atividade foi realizada.

Figura 4 - Desenho de um Beija-flor.



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Foi ainda observado que Narayan desenhou um girassol, o que foi associado ao ambiente em que ele se encontrava, uma vez que a sala onde ocorreu o encontro, possui diversas pinturas de plantas e folhas em suas paredes, o que com estímulos vindos da mãe, pode ter influenciado em seu processo de criação dos desenhos.

Figura 5 - Desenho de um Girassol.



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Narayan fez cerca de três desenhos durante a atividade, com elementos e cores distintas, cada desenho levava em média de cinco a dez minutos e era totalmente realizada por ele, mostrando-se um pouco resistente a intervenção ou opiniões externas, mas aceitando algumas sugestões sobre o que desenhar ou qual material utilizar conforme a atividade acontecia; pedindo ajuda apenas quando o mesmo achava necessário como, por exemplo, em alguns momentos as pontas dos lápis quebravam ou ficavam curtas e ele pedia a ajuda da mãe para apontá-los. Ainda que houvesse outros materiais da mesma cor, Narayan preferia fazer uso do material aplicado sobre o desenho, substituindo-o apenas quando queria mudar de cor ou quando começava outro desenho.

Após cerca de uns vinte e cinco minutos de atividade, Narayan não quis mais desenhar, se mostrou satisfeito com seus desenhos, pedindo para a mãe guardá-los. Quando sugerido que continuasse a desenhar não aceitou e se mostrando um tanto agitado, a mãe sugeriu que fizessem o dever de casa da escola, que também foi negado por ele; a partir disso ela sugeriu que construíssem uma história usando os desenhos como elementos de animação visual, o que foi aceito por ele. Assim, Narayan permitiu que os desenhos fossem recortados e transformados em uma história que foi contada pela mãe, o que conforme compartilhado por ela, é algo comum e que fazem com a ideia e com o enredo que a história tomava, mostrando com sorrisos e movimentos que expressavam o seu contentamento com a atividade.

É fácil identificar se a criança aceita ou não as mudanças na sua rotina ou no ambiente em que ele vive, no autismo as novas mudanças não são bem vindas inicialmente, portanto se o autista contar com um auxílio que o deixe seguro ele irá formar hábitos de autossuficiência que lhe permitam participar ativamente do ambiente em que ele vive (POSSI *et al*, 2011. p. 5).

A atividade se encerrou quando Narayan se sentiu contemplado e não querendo mais desenhar ou participar da história, vimos a necessidade de a encerrar. A criança ainda organizou todos os materiais utilizados em seu estojo e os colocou na mochila, movimento de organização esse que é sempre incentivado pelos pais e ocorreu de forma natural. Foi feita uma foto do Narayan com o bolsista presente, que tomava notas de toda a atividade e interagia com a criança, o que mostrou que ele não estava incomodado com a figura de alguém que não fazia parte do seu cotidiano.

A partir dos resultados da atividade desenvolvida com Narayan é perceptível elementos evidentes do TEA, como a rigidez cognitiva presente na forma de desenhar, de conduzir os lápis, da organização, da restrição na comunicação e da dificuldade em permanecer por muito tempo na mesma atividade. Para um primeiro momento, a criança apresentou muitos elementos importantes que poderiam ser trabalhados em mais intervenções e, nesse aspecto, o desenho como ferramenta de proximidade e de interação cumpriu de forma satisfatória sua intencionalidade, e um elemento que ajudou nesse resultado foi o respeito ao tempo da criança e o suporte da mãe que contribuiu para a fluência da atividade com intervenções positivas ao longo da atividade.

O segundo encontro foi realizado com Izabela em sua residência. Ela se mostrou bem tímida com chegada em sua casa, tendo brevemente se escondido num dos cômodos, mas com a intervenção e pedido da mãe, a mesma se dispôs a participar da atividade. Izabela é uma menina verbal mas que resume sua comunicação oral apenas a sua mãe, ainda assim usando poucas palavras. Quando era perguntado algo, ela direcionava o olhar à mãe e quase sempre respondia com acenos de cabeça. Izabela, apesar da timidez, se dispôs a participar da atividade.

Quando indagada sobre gostar de desenhar, Izabela respondeu que “não”, fazendo um aceno de cabeça que foi entendido como uma afirmação negativa. Ao ser oferecida a

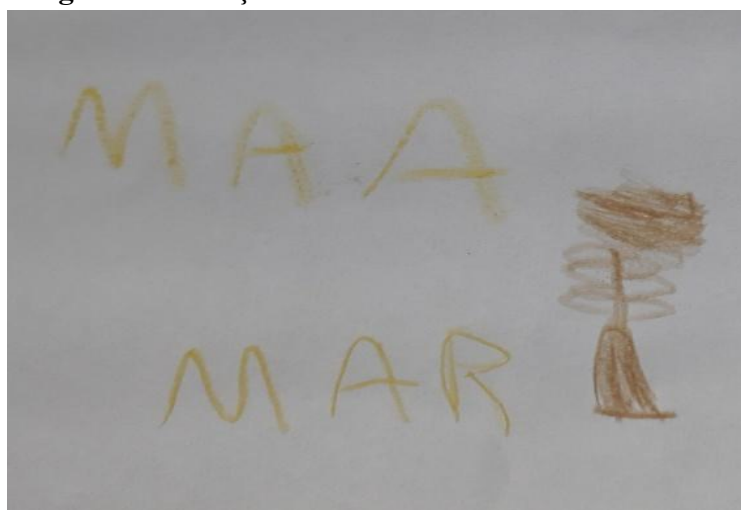
possibilidade de desenhar, Izabela não recusou e se mostrou disposta a realizar a atividade. Aceitando bem todas as intervenções dos presentes e sugestões de desenhos e materiais a serem usados, ela não se mostrou resistente ao processo, porém a vontade dela foi respeitada e a atividade só foi realizada a partir do momento em que ela se mostrou preparada para tal.

Durante todo o processo, Izabela se apresentou independente e, apesar de não ter o costume de desenhar em seu dia a dia, mostrou-se bem concentrada, desenhando livremente aquilo que vinha em seu pensamento; quando tinha alguma dúvida, direcionava a fala a sua mãe, com poucas palavras e de forma suave, pedia auxílio quando necessário. No decurso da atividade, Izabela pediu à mãe para ir ao banheiro, interrompendo-a momentaneamente, mas que foi retomada logo após a sua volta. Essa atitude de Izabela, de pedir para ir ao banheiro, mostrou que a mesma é independente nos seus afazeres cotidianos, o que foi observado nas suas escolhas sobre o processo de criação dos seus desenhos.

Apesar de dirigir sempre a fala a sua mãe, quase que com exclusividade, Izabela se comunicou bem com os professores orientadores e bolsista, usando sempre acenos com a cabeça que apontavam respostas positivas ou negativas; ela também não se mostrou incomodada com barulho externo e conversas paralelas, agindo de forma bem natural a intervenções não esperadas do ambiente.

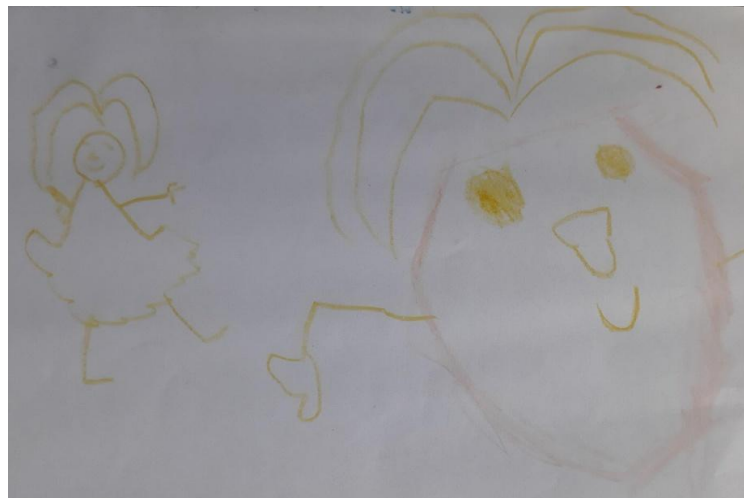
Os desenhos de Izabela levavam, em média, de cinco a dez minutos para serem realizados e, na maioria das vezes, a criança começava a desenhar a partir de sugestões dos presentes. Izabela fez um total de três desenhos que mostram características parecidas, apesar de não ter contato cotidiano com tal atividade, ela se mostrou mais confortável a usar alguns tipos de materiais do que outros, sendo aparente em seus desenhos uma mistura significativa de cores, mas em alguns deles os tons de amarelo e marrom foram visualizados e utilizados com mais frequência.

Figura 6 - Esboço de um nome e desenho de uma flor.



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Figura 7- Desenho da própria Izabela.



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Izabela não fazia esboços de seus desenhos, começava-os de forma direta, já colorindo e criando formas daquilo que queria expressar. Na maioria dos casos, os desenhos de Izabela tornaram-se plantas ou flores, o que pode ser associado ao seu cotidiano uma vez que foi observado que sua casa possui muitas plantas em vasos e até mesmo uma área externa com bastante vegetação.

Figura 8 e figura 9 - Desenho de plantas em vasos.



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Apesar de mostrar independência com o uso dos materiais disponíveis e pondo também suas próprias ideias sobre os desenhos, Izabela aceitou muitas das sugestões que surgiram durante o processo de atividade, seja da mãe, dos professores ou do bolsista, o que pode ser concluído que, apesar da timidez e da falta de contato com o desenho, a criança não se mostrou incomodada com o decorrer da atividade, não mostrando resistência com a proposta apresentada, sendo observado risos e gestos que afirmaram um sentimento e sensação de diversão por parte da criança durante a execução dos desenhos, podendo ser afirmado que a mesma parecia estar brincando e não participando de uma pesquisa.

Brincar é comunicar e partilhar sentimentos. Ainda que as crianças não tenham uma intenção clara de transmitir ao outro o sentimento que as assola, nesse instante – tal como o verdadeiro artista deve ter –, elas acabam por comunicar emoções. Vejamos o seguinte exemplo: muitas crianças passam uma significativa parte da sua infância a desenhar. Entendendo os seus desenhos como uma brincadeira, algo lúdico, prazeroso, o que acontece é que os colegas de escola, ao olharem para as linhas que dão cor à folha, outrora branca, acabam por ser invadidos pelos mesmos sentimentos que a criança teve ao desenhar. Se virem membros de uma família de mão dada, então vão ser invadidos por um sentimento de união, de cumplicidade, de afeto, de ternura. Se a arte deve consistir numa atividade que promove nas pessoas um desenvolvimento moral, ao brincar cabe abraçar o mesmo ideal (CUNHA; GONÇALVES, 2015, p. 59-60).

Conforme informado pela mãe, Izabela usa medicamentos que, segundo ela, parecem não estar surtindo efeito, mas a criança se mostrou bem concentrada durante toda a atividade, a mãe ainda afirmou que Izabela não gosta de lápis, sejam eles de pintura ou de escrita, o que mostrou que a criança esteve realmente entregue e disposta ao processo da atividade, uma vez que a mesma reagiu bem aos estímulos e sugestões, além de se mostrar sempre focada nos seus desenhos, mesmo que na atividade tenha sido utilizado materiais que eram divergentes de seu gosto, atentando ainda que em nossa chegada, Izabela disse não gostar de desenhar, mas ainda assim esteve atenta e disposta durante toda a atividade.

A atividade durou entre trinta a quarenta minutos e foi encerrada quando Izabela se mostrou estar satisfeita, não mostrando mais interesse por desenhar, quando foi perguntada se queria continuar, ela afirmou que “não”. Levado em consideração a sua vontade, a atividade foi encerrada com uma importante participação da criança durante todo o processo. Ao final foi oferecido a Izabela um conjunto de giz de cera em gel, material utilizado no último desenho, que aparentemente ela havia gostado de usar, aceitando o presente e a sugestão de continuar desenhando para que futuramente pudesse novamente mostrar suas produções artísticas.

Desta forma, como resultado da intervenção pedagógica foram observados três pontos positivos e que se repetiram nas duas crianças: a assimilação da realidade; a expressão de sentimento e a comunicação. Se houvesse mais encontros, essas três características poderiam ser visualizadas e trabalhadas com mais frequência. Como, por exemplo, Narayan poderia aceitar com mais facilidade as opiniões e ideias de terceiros e, no que diz respeito a Izabela, talvez sua timidez perante os professores e bolsista poderia ser diminuída, mostrando assim que o desenho pode ser um método de intervenção no processo de ensino e aprendizagem de crianças com TEA.

Uma vez observado nos encontros um aumento da comunicação das duas crianças com pessoas desconhecidas, além de se perceber sentimentos e memórias do cotidiano das mesmas, foi possível interpretar as opiniões e vontades delas. O desenho aqui se torna uma ferramenta importante no processo comunicacional com as crianças, pois ambas conseguiram comunicar uma série de elementos a partir dos seus desenhos, mas também conseguiram melhorar suas interações os sujeitos estranhos a elas.

Ao ser aplicado o desenho como intervenção pedagógica, se evidenciou uma possibilidade de ensino mais sensível, levando em consideração os sentimentos e sensações das crianças, nesse primeiro momento, a presença da família (na pessoa das mães) foi fundamental para a realização do trabalho e, à medida que o processo de intervenção continuou, o conforto apresentado pelas crianças durante a atividade foi ficando cada vez maior.

No ambiente educacional muitas vezes desconsidera-se a importância do uso do desenho e de uma intervenção pensada para a especificidade de cada criança. A pesquisa

mostrou a partir dos dados obtidos que atividades educativas com o uso do desenho ao serem desenvolvidas de forma específica por profissionais do acompanhamento educacional especializado, cuidadores e professores da sala regular, possibilitam o pleno desenvolvimento de ensino e habilidades essenciais para a formação escolar, pessoal e social das crianças com TEA. Os resultados podem ainda ser mais significativo se forem construídos meios de comunicação, diálogos e interações entre as crianças, a escola e a família.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vale ressaltar que “o processo de aprendizagem de um aluno com o TEA é muito complexo por envolver variáveis incontroláveis, como a metodologia utilizada, os objetivos, e o ambiente onde o aluno está inserido” (SARAIVA; SANTOS, 2016 *apud* PEREIRA, 2020). Dentro desse aspecto podemos analisar e perceber o que Pereira (2020) destacou, o quanto o ambiente influencia no processo da intervenção metodológica, como também, a presença de pessoas de confiança para as crianças, haja vista, que a base de confiança se fez presente mediante a contribuição das mães durante todo o processo.

Compreende-se o quão difícil torna-se para um indivíduo com TEA entrar em contato com pessoas que estão distantes de sua convivência social. Os resultados obtidos perpassam pelo olhar atento dos professores orientadores e bolsista, para a utilização do desenho como um meio de comunicação e expressão pessoal das crianças, mesmo que um já tivesse contato com o ato de desenhar e a outra não. Foi possível perceber que ambos se sentiram livres e dispostos à prática metodológica aqui apresentada, na qual o ato da comunicação se fez presente e foi desenvolvido entre as crianças e pesquisadores.

Assim, a partir das intervenções realizadas, foi possível identificar um caminho para o desenvolvimento da expressão e comunicação de pessoas com TEA independentemente da idade e ambiente social. As crianças poderão utilizar o desenho de forma livre e autônoma para auxiliar profissionais na identificação de seus sentimentos como ferramenta pedagógica, como instrumento de intervenção e como registro, mas para isso é preciso a intermediação em todo o processo de forma significativa e respaldada pelas teorias vigentes.

Se compreende, a partir disso, que a figura do professor mediador e pesquisador é de suma importância para que o desenho seja utilizado de forma mais eficaz e proveitosa possível, a fim de se estabelecer vínculos comunicacionais e interativos entre ele, seus alunos e pais, o que facilitaria neste aspecto o desenvolvimento do trabalho educacional de crianças com TEA.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rosângela Doin. **Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2003.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. DSM-IV-TR: **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

COHN, Neil. **Explaining ‘I Can’t Draw’**: Parallels between the structure and development of language and drawing. Neil Cohn. Research Gate, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/3vGYpmm> . Acesso em: junh.2025.

CUNHA, Antônio Camilo, GONÇALVEZ, Sara Tiago. **A criança e o brincar como obra de arte. Analogias e sentidos**. Santo Tirso: Prinhaus, 2015.

DEHAENE, Stanislas. **Os neurônios da leitura: como a ciência explica a nossa capacidade de ler/** Stanislas Dehaene; tradução: Leonor Scliar Cabral. Porto Alegre: Penso, 2012.

GONÇALVES, Renata Cristina. **A influência do desenho na clínica psicanalítica para a constituição do sujeito: um estudo de caso sobre o autismo infantil.** *In.:* Estilos Clin, São Paulo, Vol. 22, N. 2., maio-agosto 2017, 230-245.

MORAIS, Paula Renata Bassan. **Educação não formal: Um olhar sobre uma experiência em Campinas- SP.** São Paulo, 29 de fevereiro de 2012, p.28.

OAKLANDER, Violet. **Descobrendo Crianças.** 17º ed. São Paulo: Summus, 1980.

PEREIRA, Rayner Zanoti. O desenho como forma de auxiliar no ensino de uma criança autista. *Rev. Esfera Acadêmica Humanas*, vol. 5, nº 2, ano 2020.

POSSI, K. C., HOLANDA, M. V., FREITAS, J. V. M. O impacto do diagnóstico do autismo nos pais e a importância da inserção precoce no tratamento da criança autista. *Rev.: Psychiatry on line Brasil*, vol.16, n.1 São Paulo, Jul. 2011.

ROTTA, N., T., Ohlweiler, L.; & RIESGO, R., S. (2016). **Transtornos da aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar.** Artmed.

ROSÁRIO, Natália Monteiro. **Infâncias e o serviço de convivência e fortalecimento de vínculos: atuação do cras campinho- Capanema.** Monografia apresentada à Faculdade de Educação no ano de 2022.

SANS, Paulo de Tarso Cheida. **A criança e o artista: fundamentos para o ensino das artes plásticas.** Campinas, SP: papyrus, 1994.

SANTOS, Márcia Raquel Eleutério dos. **A contação de história na educação infantil na escola.** João Pessoa: UFPB, 2014, p.18-17.

SHERIDAN, Susan Rich. **The Neurological Significance Of Children's Drawing: The Scribble Hypothesis.** Susan Rich Sheridan. Eric: Institute of Education Sciences, 2002. Disponível em: <https://bit.ly/3fH5oWX>. Acesso em: junh. 2025.

YUAN, Ye; BROWN, Steven. **Drawing and writing: An Ale meta-analysis of sensorimotor activations.** Ye Yuan; Steven Brown. Science Direct, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3g25szz>. Acesso em: junh.2025.